

## **A glossolalia em Pentecoste: a comunicação para difusão do cristianismo**

Glossollary in Pentecosts: communication for the difusion of Christianity

Yask Gondim da Silva<sup>1</sup>  
yaskgondim@hotmail.com

Lázara Divina Coelho  
lazaracoelho@gmail.com  
Régia Cristina Campos Vieira  
regiacampos@hotmail.com

### **Resumo**

Este artigo é o estudo do fenômeno da glossolalia conhecido como o “falar em línguas” que é citado na Bíblia no Novo Testamento: Atos dos Apóstolos. Este trabalho busca esclarecer a importância do “falar em línguas”, mencionado no livro de Atos durante a festa de Pentecostes em Jerusalém no Século I e mostrar o papel importante desse fenômeno para a difusão do cristianismo no mundo que só foi possível através da comunicação.

**Palavras-chave:** Glossolalia; Pentecostes; Espírito Santo; Comunicação.

### **Abstract**

This article is the study of the phenomenon known as glossolaly, the “speak in languages” that is cited in the book of the New Testament: Acts. This work searches to know the importance of “speak in languages” mentioned in the book of Acts of the Apostles during the feast of Pentecost in Jerusalem and to show the important role of this phenomenon for the diffusion of Christianity in the world which was only possible by means of communication.

**Keywords:** Glossolaly; Pentecost; The Holy Spirit; Communication.

### **Introdução**

A glossolalia foi um fenômeno de comunicação que marcou a difusão do Cristianismo a partir da festa de Pentecostes. Essa era uma das três festas fixas dadas a Israel por Deus no Antigo Testamento (Êx 23.14-17; 34.18-23), junto com a Festa dos Pães Ázimos e a Festa dos Tabernáculos. Marcada por ser uma festa agrícola, era também chamada de Festa das Colheitas (de grãos) ou das Semanas. O termo pentecostes é uma palavra de origem grega cujo significado literal é cinquenta, o que deu à festa o seu nome porque se dava no quinquagésimo dia depois da Páscoa.

---

<sup>1</sup> Mestrandas em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Quanto ao fenômeno, em si, doravante conhecido por Pentecostes, conforme narrado na Bíblia, aconteceu na cidade de Jerusalém, exatamente cinquenta dias depois da comemoração da Páscoa (ca. de 30 d. C.), i. e., no dia de Pentecostes (At 2,1; cf. 20,16; 1 Co 16,8). O evento inaugural está registrado em Atos 2,1-4:

Quando chegou o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído, como se soprasse um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. Apareceu-lhes então uma espécie de línguas de fogo, que se repartiram e repousaram sobre cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.<sup>2</sup>

A experiência sobrenatural vivida pelos apóstolos está aí relatada com símbolos misteriosos como fogo, vento forte e ruídos intensos. Além disso, aparece a figura das outras línguas (Gr. *glossa*), linguagem na qual falaram como resultado do processo em andamento.

Kürzinger (1971) acredita que, com base na palavra *glossa*, i. e., em outras línguas, pode-se dizer que o Espírito se revelou nas línguas de fogo e capacitou os discípulos a falar idiomas estranhos, ocorrendo simultaneamente dois fenômenos: o milagre de ouvir e o milagre de falar. Os apóstolos falavam línguas estranhas aos ouvintes e esses, preparados pelo Espírito, puderam entender em seus idiomas pátrios, “as grandezas de Deus” (At 2, 11) então proferidas pelos falantes.

Os ouvintes em questão eram judeus de diversas partes do Império Romano que estavam reunidos em dado local na cidade de Jerusalém para uma das principais celebrações festivas da cultura judaica, a festa de Pentecostes. Foi um momento oportuno, pois a manifestação do Espírito Santo alcançou um grande número de pessoas, tanto as que viviam em Jerusalém como também as de outras partes do mundo ali reunidas. Essas pessoas, além de viverem a experiência, se tornariam testemunhas vivas desse acontecimento:

Achavam-se então em Jerusalém judeus, varões piedosos, de todas as nações que há debaixo do céu (...). Partos, medos, elamitas, os que habitam a Mesopotâmia, a Judéia, a Capadócia, o Ponto e a Ásia, a Frígia e a Panfília, o Egito e as partes da Líbia para as bandas de Cirene, e os forasteiros romanos, judeus e prosélitos, cretenses e árabes (...) (At 2,5-13).

---

<sup>2</sup> Ênfase nossa.

No relato do livro de Atos os Apóstolos, por ordem de Jesus, os cristãos esperavam pelo Espírito Santo (cf. Lc 24,45-49; At 1,4-5). Mas, certamente, eles não sabiam o que estava para acontecer. Quando o Espírito Santo se manifestou, todos receberam o poder de falar em outras línguas. Nessa manifestação, houve uma grande admiração por parte das pessoas que ouviam os ensinamentos de uma nova doutrina em seu próprio idioma, e ainda pelo fato de serem transmitidos por pessoas simples do povo que, a partir daquele momento, falavam com eloquência e autoridade sobre o assunto; afinal, os apóstolos sabiam do que falavam por serem eles mesmos testemunhas de toda a história. A maioria dos apóstolos não possuía nenhum tipo de leitura ou estudo, por isso a admiração das pessoas. Com certeza, elas perguntavam umas às outras como poderiam os apóstolos e outros presentes se comunicarem usando de uma persuasão tão forte ao ponto de convencer cerca de três mil pessoas (At 2,41) a aceitarem uma nova fé? Havia uma convicção nos ensinamentos de Cristo transmitidos por parte dos apóstolos que era contagiante. De fato, eles estavam prontos para dar o testemunho de que foram incumbidos; estavam prontos a comunicá-lo ao mundo.

### **A linguagem e a comunicação em Pentecostes**

De todos os códigos utilizados pelo homem para expressar suas impressões, para representar coisas, seres, ideias, sem dúvida alguma o mais importante é a língua. Os falantes de uma língua adquirem natural e gradativamente o conhecimento necessário para usá-la. O uso que cada indivíduo faz da língua depende de várias circunstâncias: do que vai ser falado e de que forma, do contexto, do nível social e cultural de quem fala e de para quem se está falando (Terra, 2004, p.17). É uma entidade autônoma que tem o seu lugar nas comunicações e deve ser vista da perspectiva dos teóricos da linguagem e da comunicação.

A língua foi definida por Saussure (2006, p. 17) como

(...) um 'tesouro' onde estariam armazenados os *signos*, enquanto a *fala* seria a organização desses signos em frases, a combinação dos seus sentidos para constituírem o sentido global da *frase*. A língua é uma passividade (saber uma língua implica receber e memorizar o seu *código*), enquanto a fala supõe um comportamento ativo sobre a *linguagem*. A língua é o produto e o instrumento da fala, ao mesmo tempo.

Trata-se então de "(...) um sistema de *signos*, constituído pela associação de imagens auditivas a conceitos determinados" (Rabaça; Barbosa, 2001, p. 429). Se a língua

é um sistema de *signos*, pode-se identificar as unidades deste sistema etc. Dentre eles (sistemas vocais, escritos, visuais, fisionômicos, sonoros, gestuais etc.) armazenados na língua está a palavra, aquela “Série de *caracteres* ou de elementos binários, armazenada numa localização de *memória* e capaz de ser tratada como uma unidade” (Rabaça; Barbosa, 2001, p. 540). De fato, as línguas são unidades complexas compostas de palavras.

As palavras sujeitam-se à articulação da própria linguagem. E a linguagem é um recurso usado pelo homem para se comunicar; é um instrumento pelo qual os homens estabelecem vínculos no tempo e determinam os tipos de relações que mantêm entre si; elas tornam possível o desenvolvimento e a transmissão de culturas, bem como o funcionamento eficiente e o controle dos grupos sociais.

No *Dicionário de Lingüística* (Dubois, 1998, p. 387), linguagem é a:

(...) capacidade específica à espécie humana de comunicar por meio de um sistema de signos vocais (ou língua), que coloca em jogo uma técnica corporal complexa e supõe a existência de uma função simbólica e de centros nervosos geneticamente especializados.

Nessa mesma lógica, o sistema de signos vocais utilizado por um certo grupo social ou comunidade lingüística, constitui uma língua particular. Isso se dá mediante a codificação e a decodificação desse signo (língua particular) usado. Saussure (*apud* Dubois, 2011, p. 132-133) já esquematizara essa comunicação ou essas operações de codificação e decodificação através de um esquema que representa o circuito da fala humana organizada com os signos entre dois locutores, A e B. Essa operação incide sobre os sistemas de signos lingüísticos, já estabelecidos como integrantes do processo comunicativo e, ampliada, justifica a noção de comunicação defendida abaixo.

Na perspectiva das relações entre os seres humanos, o termo comunicação refere-se a um conjunto de conhecimentos (lingüísticos, psicológicos, antropológicos, sociológicos, filosóficos, cibernéticos etc.) relativos aos processos comunicativos, que interagem entre si. Nessa visão, Colin Cherry (*apud* Rabaça; Barbosa, 2001, p. 156) afirma que a comunicação é o:

Estabelecimento de uma unidade social entre seres humanos, pelo uso de signos de linguagem. (...) Toda comunicação procede por meio de signos, com os quais um organismo afeta o comportamento do outro (ou, de modo mais geral, o estado do outro).

De igual modo, o *Dicionário de Linguística* (Dubois, 2011, p. 129) define a comunicação como: “(...) a troca verbal entre um falante, que produz um enunciado distinto, a outro falante, o interlocutor, de quem ele solicita a escuta e/ou uma resposta explícita ou implícita (segundo o tipo de enunciado).”

Isto posto, volta-se à glossolalia, fenômeno da linguagem cuja unidade menor é  $\gamma\lambda\omega\sigma\sigma\alpha\iota$ , a palavra *línguas*. Ora, a palavra sempre foi um instrumento usado por Deus em suas comunicações com o ser humano. O maior ícone do Cristianismo, Jesus Cristo, comunicou-se, inclusive, por meio da palavra. As características de sua linguagem através de parábolas, exemplos da vida cotidiana, usando elementos simples da natureza para levar a uma reflexão, para dar uma orientação, atingia profundamente as pessoas que o ouviam. Jesus não se expressava como um doutor ou especialista nas palavras, mas o seu discurso era profundo e cheio de significados (Silva, 1999). Seu conhecimento a respeito do comportamento humano lhe dava uma autoridade absoluta sobre qualquer assunto ou situação que surgisse. Ele falava de um Deus que ama, que age a favor do homem, que perdoa, que salva.

A maneira que Jesus usou para argumentar não foi mediante imposição. Ele chama o ouvinte à reflexão, ao bom senso, para que a própria pessoa encontre o caminho que o leva a Deus. Ensina a tolerância, a humildade, o amor. Na narrativa da mulher pega em adultério, isso é claro: ele sabe ouvir, sabe questionar e conduz a mulher a refletir sobre si mesma (Jo 8,1-11).

A comunicação de Jesus atingiu a todos os povos em todos os tempos. Ele falava preferencialmente aos marginalizados. E sua comunicação foi e é perfeita. Há uma identificação, inclusive com os pobres, na sua maneira de ensinar (Silva, 1999). Jesus mostra essa predileção quando diz: “Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequenos. Sim, Pai, eu te bendigo, porque assim foi do teu agrado.” (Mt 11, 25, 26). Essa revelação aos pequenos se dava na mediação do Espírito de Deus, i. e., na comunicação mediada por ele que, por certo, era efetiva (Rm 8,26). Esse Espírito é o mesmo que, no Pentecostes, seria derramado sobre os homens para que eles pudessem viver a comunicação onde houvesse a incomunicação.

Na verdade, Jesus usava a chave para o entendimento e o relacionamento: a comunicação no Espírito.

## **O impacto do fenômeno de Pentecostes na comunidade cristã**

O homem é um ser social, necessita comunicar-se, depende de outrem e neste contexto a comunicação faz a interação entre ele e o outro e entre eles e os demais. E o surgimento da comunidade cristã primitiva bem como sua trajetória se dão pelo poder do Espírito enviado cujo sinal distintivo é o fenômeno da glossolalia, i. e., a igreja começa e continua sob a comunicação mediada pelo Espírito Santo.

No exame do evento do Pentecostes viu-se o fenômeno de uma comunicação feita ao mesmo tempo em vários idiomas e o resultado espetacular de entendimento e de convencimento de que tudo aquilo que estava sendo dito era, sem dúvida, uma nova verdade sendo descoberta.

A partir desse dia começaram as pregações e o trabalho de várias pessoas envolvidas no ministério de Jesus. Enquanto eles pregavam a palavra conforme os ensinamentos de Jesus, seus seguidores se sentiam preparados para a sua volta. As comunidades foram se formando e vivendo com um só objetivo que era de pregar o evangelho. Havia união entre eles; além disso, os envolvidos no seu ministério compartilhavam tudo o que possuíam, repartindo e dividindo o pão de cada dia (At 2,44; 4,32). Tudo isso refletia a eficiência da comunicação de Jesus.

Em Atos dos Apóstolos, com o surgimento das primeiras comunidades, fica notório o impacto grandioso da linguagem e comunicação feitas por Jesus, pois as comunidades viviam plenamente os seus ensinamentos. É simbólica a manifestação do Espírito Santo usando línguas de fogo sobre a cabeça de cada um. Trata-se de uma revelação de que através da língua, em todos os seus significados, Deus alcançaria os corações humanos. A comunicação oral, escrita, por gestos, sinais, virtuais ou outras variantes que possui, tem sido o meio mais usado para levar o evangelho às pessoas que não o conhecem.

Os apóstolos cumpriram o compromisso feito com Jesus, ao seguirem suas instruções e principalmente seu último pedido, antes de subir aos céus, que foi a divulgação do Evangelho.

A repercussão na época sobre os acontecimentos em Jerusalém, durante a festa da Páscoa, abriu caminhos para a nova fé. Os relatos bíblicos não apresentam isso de forma clara, mas quando são mencionadas pessoas de várias nacionalidades presentes naquela ocasião, interpreta-se que cada uma delas, provavelmente, transmitiu a mensagem ouvida para as pessoas de suas regiões, pessoas de seu convívio, suas famílias e amigos.

Agora no século XXI está claro o quanto a comunicação foi eficaz. De fato, a nova fé, surgida naqueles dias, tomou proporções gigantescas e continua até hoje.

A comunicação foi o fator principal para a divulgação do Cristianismo. No relato bíblico em Atos dos Apóstolos o fenômeno da glossolalia marca o início do Cristianismo. Analisando a narrativa, a comemoração do dia de Pentecostes era uma festa tradicional que reunia muitas pessoas. A manifestação do Espírito Santo aconteceu num momento apropriado permitindo assim que as pessoas ali presentes levassem os seus testemunhos de uma nova fé para outras nações. Todo o cenário conspirou a favor dessa divulgação.

### **Babel um fenômeno oposto de Pentecostes**

Retornando à glossolalia de Pentecostes, delineada acima, ficou evidente que houve poder nas palavras ao convencer várias pessoas a seguirem a nova fé que estava surgindo. Quando o Espírito Santo se manifestou aos apóstolos, concedeu-lhes o poder da palavra, sendo dita ou compreendida no idioma particular de cada pessoa que ali estava participando. A partir desse evento deu-se o início à nova religião, o Cristianismo.

Foi um evento marcante que mudou a história da humanidade. O envolvimento e aceitação das pessoas daquela época e em especial daquele dia ficou para sempre marcado por um fenômeno único e surpreendente, que fez com que, de súbito, pessoas simples e humildes como pescadores e outros comesçassem a falar línguas estranhas àquelas conhecidas, sem nunca antes terem estudado ou tido qualquer tipo de instrução para aquela realização.

Contudo, essa história da humanidade já sofrera uma anterior mudança. Foi na terra de Sinear, na antiguidade, em um episódio que ficou conhecido como a narrativa da *Torre de Babel* (Gn 11,1-9) e considerado o reverso de Pentecostes. Segundo o relato, “Em toda a terra havia somente uma língua, e empregavam-se as mesmas palavras” (v. 1), i. e., não havia idiomas diferentes; mas os semitas de Babilônia empreenderam construir uma torre que alcançasse os céus, pois queriam observar tanto os céus como seus astros; eles criam que os céus distavam cerca de dois quilômetros da terra. Porém, na sua ousadia, essa observação advinha do desejo de independência de Deus. Nas palavras do hebraísta Luiz Sayão (2007, s/p), “(...) os homens queriam invadir a morada divina” (Gn 11, 4), tomando-a para garantir seu poder e manter sua unidade em favor da glória de seu próprio nome. Deus, então, interfere e promove o fim da unidade perversa: “Vamos, pois, descer e confundir de tal modo a linguagem deles que não consigam compreender-se uns aos outros. E o SENHOR dispersou-os dali por toda a superfície da terra, e suspenderam a construção.” (Gn 11, 7-8).

Luiz Sayão (2007, s/p) explica as consequências:

A unidade de que desfrutavam, definida pelo aspecto lingüístico, não mais existirá. As línguas são confundidas, e o projeto é impedido. Toda a unidade humana rebelada contra o Criador acaba se transformando numa diversidade fragmentada. A ruptura teológica torna-se ruptura sociológica e étnica.

Finalizando, Gustavo Gutierrez (2008, p. 52) significa os fatos e faz a ponte entre Babel e Pentecostes:

À nostalgia do paraíso perdido, o mito de Babel acrescentou a nostalgia de uma língua comum, mitigada no medievo graças à ilusão criada pelo latim. Nessa perspectiva, o acontecimento do pentecostes que traz o livro de Atos (2,1-11) surge como o oposto de Babel. Babel é a confusão e a diversidade, pentecostes o entendimento e a unidade. (2008, p. 52).

Para Sayão (2007, s/d), o perfil de Pentecostes é o reverso de Babel, porque trata-se de um movimento de Deus na direção do homem, i. e., de um movimento que vem de cima para baixo e que sai do céu e alcança a terra; além disso, anula a fragmentação humana pela unidade do Espírito e a diversidade de línguas pelo Espírito que dá dons aos homens; e mais: é cumprimento da promessa de Jesus e declara, definitivamente, o senhorio de Deus.

Essa análise comparativa entre os dois episódios descritos na Bíblia, embora sejam histórias diferentes, tanto no tempo quanto no espaço, indica que há entre eles um ponto em comum que é o fenômeno de falar línguas, dadas de um modo sobrenatural.

Em outros relatos bíblicos há a menção do mesmo fenômeno, inclusive na primeira carta aos Coríntios (14,23). Por este texto fica claro que houve diferenças entre a glossolalia de Atos e a que se praticava em Corinto. A glossolalia de Corinto podia ser compreendida quando havia alguém para interpretar, enquanto que aquela de Atos não dependia de mediações interpretativas. O propósito da glossolalia em Corinto era a edificação para o indivíduo ou para a congregação (quando havia a interpretação das línguas), mas o da glossolalia em Atos era a confirmação do derramamento do Espírito Santo.

### **Simbolismo presente na glossolalia de Pentecostes**

Kürzinger (1971) analisa o evento de Pentecostes como alegórico. Segundo ele, quando se descreve os símbolos como o vento e o fogo, o autor do livro de Atos faz uso de conceitos formulados para caracterizar a manifestação do Espírito Santo já que trata-se de um fenômeno indescritível.

A experiência com o sagrado remete as articulistas a Otto (1985) que, como Kürzinger (1971), deixa claro que uma manifestação do sagrado é uma experiência tão grandiosa que o ser humano não consegue ser racional em suas palavras para descrever o momento. A dimensão da subjetividade ultrapassa o entendimento e é levada a uma comparação alegórica para tentar expressar em palavras a experiência. Para ele (Otto, 1985, p. 1),

O sagrado é, antes de mais nada, interpretação e avaliação do que existe no domínio exclusivamente religioso.... Essa categoria é complexa; compreende um elemento de qualidade absolutamente especial que se subtrai a tudo aquilo que nós chamamos de racional; é completamente inacessível à compreensão conceitual, e constitui algo inefável.

Outras narrativas bíblicas trazem os mesmos elementos simbólicos do evento de Pentecostes como vento, ruídos e fogo (Ex 19; 1Rs 19,11; Is 66,15 e Sl 50,3).

### **Nova mentalidade e busca da verdade**

Um outro fato interessante da narrativa de Atos sobre o dia de Pentecostes é a maneira como os homens acolheram a grande revelação. Muitos ficaram atônitos, outros escarneciam. Os que escarneciam diziam que os apóstolos estavam embriagados e parece que não participaram do milagre de ouvir e entender a mensagem através da glossolalia. Será que faltou-lhes a fé por não terem participado do mistério da graça que se manifestou em Pentecostes? (Kürzinger, 1971).

Quando Pedro toma a palavra (At 2,14-21) para fazer a proclamação da obra salvífica de Cristo, contesta a suspeita de embriaguez, mencionando que naquela hora do dia os discípulos, como eram fiéis à tradição, estavam em jejum até a hora terceira, isto é, às nove horas da manhã (Kürzinger, 1971). Há outras passagens bíblicas que comparam a manifestação do Espírito com a ideia de embriaguez: “Não vos embriaguez de vinho... ao contrário, enchei-vos do Espírito, entretendo-vos sempre com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e salmodiando ao Senhor em vossos corações” (Ef 5,18). No discurso de Pedro, em resposta aos zombadores, ele diz que foi um inebriamento diferente, o ficar cheio do Espírito de Deus (Kürzinger, 1971). A explicação de Pedro para o que estava acontecendo em Pentecostes foi que a palavra do profeta Joel estava se cumprindo:

Mas cumpre-se o que foi dito pelo profeta Joel: Sucederá nos últimos dias, diz Deus, que derramarei meu Espírito sobre toda a carne, e profetizarão vossos filhos e vossas filhas, e vossos jovens terão visões, e vossos velhos sonharão

sonhos. E sobre meus servos e sobre minhas servas derramarei meu Espírito naqueles dias, e eles profetizarão. E farei prodígios em cima, no céu, e sinais em baixo, na terra, sangue e fogo e nuvens de fumo. O sol tornar-se-á trevas, e a lua sangue, antes que chegue o dia do Senhor, grande e glorioso. E então, todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo (At 2,16-21).

O sermão de Pentecostes apresenta, justamente, o oráculo desse profeta e o faz citando-o na íntegra (Kürzinger, 1971). O fato é que o Antigo Testamento tinha como visão de fim de mundo esse relato.

Todos esses acontecimentos marcaram o início das comunidades da nova fé. A mensagem principal de Jesus era que “(...) o Reino de Deus está próximo” (Mc 1,15 etc.) e, em Pentecostes, a ventania, os ruídos, as línguas de fogo pousando sobre os apóstolos e o falar em línguas estranhas e suas interpretações revelavam, para os participantes, que este Reino de Jesus, chegava. Sendo assim, o trabalho começava para a divulgação do evangelho no mundo e tornava-se o projeto de vida de cada um deles.

Como ponto de partida, o acontecimento de Pentecostes inaugurou a Igreja de Jerusalém e a missão dos apóstolos de testemunhar e proclamar o novo Reino bem como a mensagem de salvação de Jesus; assim, o Espírito Santo em sua manifestação capacitou todos os apóstolos para a grande missão, como justifica Comblin (1988):

Tanto na marcha do testemunho como na Igreja o Espírito Santo é a fonte do dinamismo. Todo o agir procede do Espírito. A atitude fundamental dos apóstolos foi de espera do Espírito. Uma vez que o Espírito intervém, já nada pode pará-los. O Espírito é uma energia incontrolável.

A glossolalia, na época do nascimento do Cristianismo, das primeiras igrejas, foi um fenômeno frequente e a manifestação do Espírito provocava um êxtase como que um entusiasmo da fé; entretanto, no acontecimento de Pentecostes esse milagre tem a ver com a missão para evangelizar outras nações e não no entusiasmo da fé (Comblin, 1988).

Esse fenômeno marcou, também, o surgimento da comunicação cristã. Pentecostes é uma espécie de Babel invertida, ao reverso. No dizer de Díez (1997, p. 275), “(...) se Babel confundiu os povos e fez da multiplicação das línguas um obstáculo intransponível para a comunicação, Pentecostes permite que os povos voltem a se comunicar e a se entender apesar da multiplicidade das suas línguas.” Kasper (1990, p. 237) conclui: “Os povos cindidos e estranhos entre si podem entender-se de novo pelo Espírito de Deus”.

### **Considerações finais**

A comunicação estabelecida no Pentecostes substituiu a incomunicação gerada em Babel. Um novo modo de entendimento e comunicação raiou nos céus de Jerusalém quando “veio do céu um vento impetuoso” e deu aos homens a possibilidade de riscar a antiga incomunicação de Babilônia estabelecida em suas vidas e em suas relações pessoais, étnicas, de gênero etc. A chave do entendimento e a comunicação em um mesmo Espírito é, por certo, o verdadeiro sentido do fenômeno da glossolalia em Pentecostes.

A partir daí deve-se lembrar das palavras de Colin Cherry (*apud* Rabaça; Barbosa, 2001, p. 156), quando afirma que a “Comunicação não é a resposta em si mesma, mas é essencialmente a relação que se estabelece com a transmissão do estímulo e a evocação da resposta.” Isso aponta para uma outra dimensão da comunicação: o outro em estado de incomunicação.

De fato, a comunicação foi estabelecida, também, como o principal agente para levar a nova fé ao outro, ao inconverso, àquele que vive em estado de incomunicação, i. e., a pessoas que, nesse conceito, fazem parte de outros povos. Hoje ela está, em relação ao passado, numa outra dimensão. “A linguagem é a base das relações sociais” (Damião; Henriques, 2010, p.2) e, nessa perspectiva, compreende-se que em Pentecostes, durante a manifestação do Espírito Santo, quando simbolicamente a língua (órgão) foi usada, certamente, era uma alusão a que, através da linguagem, a comunicação seria feita a todos os povos. Como uma constante do ser humano, no decorrer da história do homem a comunicação ultrapassou todas as expectativas. Atualmente, se tornou mais sofisticada e demanda uma força enorme que alcança vários campos diferentes: a comunicação em pequena escala e a comunicação de massa. O ser humano aprendeu a lidar com toda a tecnologia para auxiliar e tornar potente o processo de produzir, enviar e receber mensagens e informações de todas as espécies.

Nessa instância da comunicação humana encontra-se a divulgação das Escrituras que se dá em todas as formas dessa nova comunicação tecnológica. A comunicação é um processo abrangente em quaisquer áreas: numa igreja, por exemplo, ou numa comunidade, ela se torna um elo entre os membros permitindo diálogos que podem desfazer mal entendidos, diálogos que podem trazer edificação e assim a comunicação é capaz de se impor e modificar substancialmente as relações entre os membros, unindo-os, solucionando divergências, eliminando desavenças e construindo um ambiente que proporciona alegria aos seus membros. Tal é a importância da comunicação, pois ela

possui mecanismos e estruturas de linguagem que colaboram para convencer e persuadir, em sentido significativo, a sociedade.

### **Referências bibliográficas**

*A Bíblia Sagrada*. 104ª. Ed. São Paulo: Ave Maria, s/d. (Traduzida dos Originais mediante a versão dos Monges Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico.

COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. Petrópolis: Editora Sinodal, 1988. Vol. I: 1-12.

DAMIÃO, Regina Toledo; HENRIQUES, Antonio. 11ª. Ed. *Curso de Português Jurídico*. Antonio Henriques. São Paulo: Atlas, 2010.

DÍEZ, Felicíssimo Martínez. *Teologia da Comunicação*. Traduzido por Rodrigo Contreta. São Paulo: Paulinas, 1997.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. Traduzido por Izidoro Blikstein et al. São Paulo: Cultrix, 2011.

GUTIERREZ, Gustavo. *A densidade do presente*. São Paulo: Loyola, 2008.

KASPER, W. *El Dios de Jesucristo*. Salamanca: Sígueme, 1990.

KÜRZINGER, Josef. *Atos dos Apóstolos*. Traduzido por Irene e José Kloh Filho. Petrópolis: Vozes, 1971.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: um estudo do elemento não-racional na idéia do divino e a sua relação com o racional*. Traduzido por Prócoro Velasquez Filho. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Campos, 2001.

SAYÃO, Luiz. *O reverso de Babel*. Enfoque gospel – revista online. Edição 71, Jun/2007. Disponível em: <http://www.revistaenfoque.com.br/index.php?edicao=71&materia=778>.

SILVA, Rafael Vieira. *De Babel a Pentecostes: um itinerário ético para a informação planetária*. Aparecida, SP: Santuário, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand de. 27ª. Ed. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix, 2006.

TERRA, Ernani; NICOLA, José de. *Português de olho no mundo do trabalho*. São Paulo: Scipione, 2004.